REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo:Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. (Trad. Arlene Caetano) 16ºedição São Paulo: Paz e Terra, 2002 Acesso: https://docplayer.com.br/2334085-A-psicanalise-dos-contos-de-fadas.html em 10/08/2020.

BRUNIERA, Celina. **Conto maravilhoso (1) - "O Chapeuzinho Vermelho" numa versão de 1823**. Pedagogia & Comunicação. Acesso: https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ingles/conto-maravilhoso-1-o-chapeuzinho-vermelho-numa-versao-de-1823.htm em 12 agosto 2020.

CADEMARTORI, L. **O que é Literatura Infantil**. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CECCANTINI, J:.L.C.T. **Literatura Infantil – A narrativa**. In: CECCANTINI, J.L.C.T., PEREIRA, R. F., ZANCHETTA, J. J. Pedagogia cidadã: Cadernos de Formação: Língua Portuguesa. São Paulo: Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, 2004, vol 2.p.131- 148.

CRUZ, J. M. D. A. **A contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento infantil**. Universidade Candido Mendes. Acesso: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T207919.pdf em 06/08//2020.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Contos de fadas: trabalhando com os gêneros do discurso narrar**. São Paulo: FTD, 2001.

GERONA, A. P. A. C; MARANGON, M. F. **A leitura de contos clássicos feita pelo professor nas séries iniciais (2ºano).** Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (Unisalesiano). Acesso: http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/54804.pdf em 10/08//2020.

PIETRO, Heloísa. **Lá vêm Histórias**. Ed. Companhia das letrinhas, 2000.

RADINO, G. **Contos de Fadas e Realidade Psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**.1º Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

São Paulo (SP). **Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade Pedagógica: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Portuguesa – 2 ed.** São Paulo: SME/COPED, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Editora Perspectiva, 198. Acesso: http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf em 13/08/2020.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.

A Importância Social da Leitura e Escrita

Gláucia Silva Soares

RESUMO

Desde a Pré-História o homem Neandertal procurava se comunicar, usando desenhos nas paredes das cavernas. Foi na Mesopotâmia que a escrita foi criada e os egípcios desenvolveram a escrita quase na mesma época.

Estudiosos fazem relação do desenvolvimento da escrita com o das sociedades urbanas, alguns afirmam que a escrita e a sociedade evoluíram de forma conjunta e esse desenvolvimento trouxe a organização e a modernização da sociedade.

Aprender a ler e escrever são um dos maiores objetivos da educação básica, por outro lado alcançá-lo não é uma das tarefas mais fáceis. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Brasil aparece em 8º lugar entre os países com maior número de analfabetos adultos.

Conhecer a leitura e a escrita bem como seus processos de aquisição e aprendizagem são fundamentais para professores que trabalham com a Educação Infantil e Ensino Fundamental nos anos iniciais.

Este e outros fatores nos faz acreditar a necessidade deste e muitos outros trabalhos que explique, esclareça e nos guie no caminho da leitura e da escrita para aquisição de conhecimento e uma vida social plena.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Conhecimento. Educação.

INTRODUÇÃO

Aprender a ler e escrever são um dos maiores objetivos da educação básica, por outro lado alcançá-lo não é uma das tarefas mais fáceis e isso vem se tornando cada vez mais evidente, basta observar os índices que apontam o número de alunos com dificuldades de aprendizagem da escrita.

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Brasil aparece em 8º lugar entre os países com maior número de analfabetos adultos.

Acredita-se que a taxa de analfabetismo de pessoas com mais de 15 anos fica em torno de 8,7% o que soma aproximadamente 13,2 milhões de brasileiros analfabetos em nosso país.

É um índice bastante elevado e muito preocupante, se levarmos em conta que este número não distingue os que apresentam dificuldades ou distúrbios de aprendizagem dos que tem baixo rendimento escolar.

Tudo isso é pouco animador e deixam no ar questões altamente relevantes principalmente no que tange as fases iniciais da educação.

Sabemos que existem várias razões que fazem com que essa situação se prolongue com o passar dos anos, mesmo com tantas reflexões políticas, sociais e de aprendizagem.

A intenção deste trabalho, é mostrar alguns aspectos importantes da aprendizagem da escrita que devem ser levados em conta nos projetos de trabalhos pedagógicos voltados para a alfabetização e aquisição da linguagem escrita e minimizar as falhas apontadas nessa área.

1. O SURGIMENTO DA ESCRITA E DA LEITURA

Desde a Pré-História o homem Neandertal procurava se comunicar, usava desenhos nas paredes das cavernas. Este tipo de representação, chamada pintura rupestre, possibilitava a troca de mensagens, de ideias e ainda transmitia seus desejos e suas necessidades. Contudo, não era ainda um tipo de escrita pois não havia padronização das representações gráficas (com letras). O surgimento da escrita é um marco importante na história por datar a separação entre a pré-história e a história.

Com relação à necessidade do surgimento da escrita para o dia a dia da Humanidade, Cagliari (1998, p. 14) confirma que:

> "De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários."

Foi na Mesopotâmia que a escrita foi criada. Por volta de 4000 a.C, os sumérios desenvolveram a escrita chamada cuneiforme. Eles usavam placas de barro, onde cunhavam a escrita. Tudo que sabemos deste período devemos a estas placas de argila com registros do cotidiano, administrativos, econômicos e também políticos.

Os egípcios desenvolveram a escrita quase na mesma época. Existiam duas formas de escrita: a demótica (mais simplificada) e a hieroglífica (mais complexa). Uma espécie de papel chamado papiro, produzido a partir de uma planta com o mesmo nome, era utilizado para escrever.

A escrita chinesa e das civilizações pré-colombianas na América, como por exemplo, a escrita maia, tiveram suas origens independentes. A escrita japonesa foi criada a partir da escrita chinesa por volta do século IV.

A escrita alfabética foi difundida com a criação do alfabeto fenício, constituído por vinte e dois signos que permitiam escrever qualquer palavra. Adotado pelos gregos, foi aperfeiçoado passando a ser composto por vinte e quatro letras, divididas em vogais e consoantes. A partir deste alfabeto surgiram outros e também o latino, que com a expansão do Império Romano, dominou o mundo ocidental e mais o contato com os povos bárbaros, o impôs em todas as suas colônias. Isso permitiu que as línguas latinas predominassem em muitas culturas até hoje incluindo o nosso país.

No século XV, alguns eruditos italianos, incomodados com um estilo complexo de escrita, criaram um novo estilo. No ano de 1522, um italiano chamado Lodovico Arrighi, foi o responsável pela publicação do primeiro livro de caligrafia. Foi ele quem deu origem ao estilo que hoje denominamos itálico. Após esta criação, em muitos outros lugares com o passar do tempo também elaboraram seus livros de caligrafia dando origem a escrita calcográfica.

Muitas ciências têm como tema a escrita. Hoje o estudo de escritas, símbolos e seus significados é uma ciência que recebe o nome de Paleografia. A Grafologia estuda a personalidade do ser humano através da forma como ele escreve e a Epigrafia estuda a escrita, mas como auxiliar da História.

2. A IMPORTÂNCIA SOCIAL DA ESCRITA

Estudiosos fazem relação do desenvolvimento da escrita com o das sociedades urbanas, alguns afirmam que a escrita e a sociedade evoluíram de forma conjunta e esse desenvolvimento trouxe a organização e a modernização da sociedade.

A escrita trouxe um grande crescimento para a economia devido a sua função na organização de despesas e receitas, em seguida no setor jurídico e assim se estendeu à religião.

No tempo em que surgiu a escrita, pouca importância se dava a alfabetização, até porque a necessidade de domínio era menor. Aprendia-se e ensinava-se apenas o básico e tendo como forma de ensino um modelo mecânico.

> "nessa época de escrita primitiva, ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repedindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto (CAGLIARI, 1998, p. 14)."

Mas antes de chegar ao seu estado atual a escrita conquistou outros domínios. Segundo Coulmas, é possível atribuir-lhes as seguintes funções:

1- A função mais conhecida é a de registro ou função mnemônica. As listas desempenharam um papel importante como mecanismo de ampliação da memória, mas foi a escrita que permitiu não só registrar com também recordar de forma mais ou menos exata essas listas. A história, como disciplina, originou-se na função mnemônica da escrita.

2 - Uma função relacionada com a anterior é a de permitir a comunicação a distância, no espaço e no tempo.

3 - A terceira função é derivada de um efeito da escrita: o distanciamento. O meio de transmissão gráfica que materializa a mensagem separa-o não só do seu emissor com relação ao receptor, mas também do emissor com relação a sua própria mensagem.

4 - A outra função é a de regulação e controle social e de comportamento. As noções de lei, direito, direitos e deveres, normas e correção estão associadas a escrita.

Quando está escrita, a lei adquire uma autoridade despersonalizada.

Além do mais, a existência social dos indivíduos depende do registro escrito: documentos e registros para pagar impostos, para fazer o serviço militar, para votar, entre outros. O controle social está relacionado ao efeito da escrita sobre a linguagem oral.

5 - Finalmente, uma função estética: grande parte da literatura, sobretudo alguns gêneros, são inimagináveis sem a escrita. Pensamos, por exemplo, em todos os tipos de romances, no drama, em certo tipo de poesia, propagandas, etc.

3. ASPECTOS NECESSÁRIOS PARA A APROPRIAÇÃO DA ESCRITA

Aprender a ler e escrever abrange vários aspectos que devem ser considerados, tais como, condições sociais. Essa questão é extremamente importante, porque pode ou não propiciar a condição para esse aprendizado, pois é relevante saber se a criança convive com pessoas letradas e se tem acesso ao universo da escrita, seja de modo formal ou não.

É preciso considerar se essa criança tem acesso a uma aprendizagem que leve em conta suas reais necessidades e potencialidades.

Sendo assim, o que define o momento de aprender a ler e escrever está relacionado não só a idade que a criança tem, mas também as suas condições culturais, sociais, o contexto histórico em que a criança vive e se tem acesso a um ambiente letrado que propicie seu letramento.

Sabemos que são muitas as crianças que se desenvolvem dentro de um ambiente letrado, elas convivem com textos escritos e consequentemente com pessoas que sabem ler e escrever. Isso proporciona momentos de descoberta e apropriação das funções da escrita e a compreensão de seu uso.

A intensidade e constância dessa interação ampliam as possibilidades de construção de conhecimentos da leitura e escrita.

Essa gama de conhecimentos age como ponto inicial na compreensão da criança ao que lhe é apresentado de modo de formal pela escola. Quando a criança se enquadra nestas condições as chances de sucesso aumentam consideravelmente, pois estes conhecimentos fazem parte de seu cotidiano.

Isso não quer dizer que a criança que tenha acesso limitado ou nenhum contato com o universo da escrita vão apresentar dificuldade de aprendizagem, mas são poucas as chances de apresentar o mesmo rendimento.

O fato é que infelizmente, essas condições podem interferir de modo negativo em seu desenvolvimento, por essa razão é necessário a elaboração de propostas pedagógicas que não descartem essa e outras possíveis realidades.

Segundo Soares (2005, p. 32):

> "Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização."

4. OS VARIADOS PERFIS DE ALUNOS

A linguagem escrita na rotina de uma criança, às vezes, tem início no momento que ela ingressa em uma instituição de ensino.

Isso é uma tarefa que fica sob a responsabilidade da escola de Educação Infantil e de Ensino Fundamental (anos iniciais), que por sua vez deve desenvolver atividade-

des que possibilitem ao aluno atingir essa meta a médio prazo, ou seja, a alfabetização e o letramento. Tornando-se assim capaz de ler e escrever.

O desenvolvimento motor, psíquico e cognitivo ocorre de maneira única para cada ser humano, portanto, cada criança atinge a apropriação da escrita e da leitura em momentos diferentes, por isso, cabe lembrar que cada criança possui um perfil e a escola precisa estar aberta a lidar com cada um deles.

Para começar, podemos discutir sobre as crianças que desde a primeira infância foram oportunizadas a construção de conhecimento através do acesso a livros e a outros diversos tipos de materiais escritos. O letramento delas se inicia quando começam a entrar em contato com diferentes manifestações escritas da sociedade como: placas, embalagens, rótulos, histórias em quadrinhos, livros, entre outros, e estende-se pelo resto de suas vidas pela participação em práticas sociais.

Sendo assim, essas crianças contraíram noções consideráveis sobre a escrita, o que poderá facilitar muito todo o processo de internalização de tudo o que lhe é ofertado pela escola.

Dessa forma, fica ao encargo das instituições de ensino continuar com esse processo de construção do conhecimento, proporcionando aos alunos uma formação efetiva como cidadãos capazes de utilizar a leitura e escrita para diversos fins e não de forma mecânica.

Mesmo possuindo todo esse suporte e acesso, a escola ainda encontrará crianças que apresentarão uma demora em assimilar o processo de leitura e escrita. Não quer dizer que tenham algum problema diretamente ligado a dificuldade de aprendizagem, o que pode acontecer, mas essa pode ter outros interesses que se sobrepõem aos escolares, por exemplo, a questão de maturidade. Fica evidente que a exclusiva oferta a diversos tipos de materiais escritos não garante a efetiva aprendizagem.

Surge então mais um desafio para as unidades escolares, que agora (e sempre) precisa descobrir novos meios de trazer a criança para esse novo e incrível mundo da escrita e da leitura.

A dificuldade de acesso as instituições de ensino por questões geográficas também é um problema para a alfabetização brasileira. No nosso país, um gigante em extensão territorial, temos vários casos de analfabetismo devido a ausência de escolas em alguns vilarejos e povoados. As crianças não têm transporte que as levem de casa para a escola e da escola para casa, quando têm, estão em estado precário e causam risco a integridade física dos educandos. Em outros casos é necessário o uso de mais de um meio de transporte e muitas não têm como arcar financeiramente com essa despesa.

Ainda há, um grande número de crianças que em razão de sua condição social desprivilegiada, seja nos centros urbanos ou em zonas rurais, terminaram por serem privadas de tais estímulos da linguagem escrita.

A aquisição da escrita é um grande desafio para as crianças, porém trabalhar com crianças que apresentam um histórico com tais restrições se torna um desafio ainda maior para a escola. Infelizmente uma boa parte dessas crianças está fadada ao fracasso escolar e consequentemente ao fracasso social.

Essas crianças têm grandes chances de ser classificadas como portadoras de distúrbios de aprendizagem. Porém, não se pode fazer tal afirmação, pois seria necessário promover uma gama de possibilidades para um aprendizado efetivo.

Por último, estão os alunos que apresentam níveis variados de dificuldades de aprendizagem, podemos incluir aqui as pessoas com deficiências que apresentam variadas especificidades de acordo com o órgão lesionado e o grau da lesão.

Um dos grandes problemas ainda hoje é a forma como lidam com esses alunos, a dificuldade é grande quando se enfrenta essa condição, pois a escola considera que essas crianças precisam de um atendimento fora de seus muros em vez de questionar seus métodos, responsabilizam de algum modo os alunos, alegando que o problema em questão é a deficiência e não o modo como lidam com ela.

5. LEITURA

A formação de leitores começa antes mesmo da alfabetização e se estende por toda a vida escolar.

Para ensinar a ler é necessário promover a criticidade do educando, permitir-lhe conhecer e escolher o tipo de leitura que mais o agrada, o que se encaixa em seu perfil.

É necessário aguçar sua curiosidade, fazer com que perceba o valor e a importância dessa ação.

Uma das principais tarefas do educador durante o processo de aprendizagem é aproximar o educando dos objetos cognoscíveis, ou seja, daquilo que ele é capaz de reconhecer, o que lhe é familiar e dessa forma o processo se simplifica, se torna mais prático. Pois assim ele começará a assimilar a leitura como algo que faz parte de seu universo, do seu cotidiano, mesmo antes de conhecê-lo como algo fundamentalmente teórico.

Em condições de real aprendizagem o educando não é somente um ser passivo, que fica sentado aguardando um mestre o mostrar o que deve ser feito, mas este é instigado a criar e a buscar meios para ampliar seus conhecimentos, ser ativo.

Mas nem sempre foi assim, houve um tempo em que acreditava que o processo de aprendizagem da leitura baseava tão somente em decifrar códigos.

Entre os muitos fatores de grande relevância para o processo de assimilação da leitura está o reconhecimento do conteúdo previamente adquirido pelos alunos, o seu conhecimento de mundo, suas capacidades e habilidades já construídas.

Como já foi mencionado anteriormente, ler é compreender o mundo através das letras, e para que essa aprendizagem seja possível é necessário levar em conta algumas competências:

• Entender a função da escrita como uma forma de interpretar a linguagem oral;

• Identificar grafias e diferenciá-las;

• Entender que a escrita possui uma forma particular de organização;

• Perceber num agrupamento de letras uma palavra e no agrupamento de palavras uma frase;

• Entender a importância de pontuar seus textos (pontuação);

• Procurar o entendimento do texto (compreensão e interpretação de texto);

• Procurar compreender a intenção do autor e refletir sobre aquilo que leu.

Hinson (2001) faz algumas sugestões que são de grande relevância quando se fala de formar leitores críticos e hábeis como:

- Ler deve ser algo diário, deve fazer parte do cotidiano;

- A habilidade de realizar uma leitura sem que o leitor se detenha em cada palavra;

- Ler de modo fluente;

- Ter a habilidade de perceber e apontar os pontos relevantes de um texto;

- Ler livros;

- Ter motivos para ler;

- Ter condição de produzir imagens partindo do texto;

- Fazer relação entre o texto e os fatos da vida;

- Querer ler;

- Conversar com o autor através do texto.

Existem crianças que já vivem em ambientes letrados que lhes propiciam uma comunicação contínua com a leitura, este trabalho é fundamental para a formação de leitores eficientes e quando isso ocorre o resultado é partilhado entre escola e família e se torna prazeroso, garantindo sempre resultados positivos. Isto posto, fica claro que não é somente na escola em que o letramento acontece.

Porém, quando se trata de crianças que não convivem em um ambiente letrado a situação muda completamente, já que o aprendizado fica a cargo da escola, que por sua vez precisa estar aberta a buscar meios pelos quais chamará a atenção do aprendiz e o fará se interessar por este novo universo.

Nas instituições de Educação Infantil que trabalham com crianças desde o berçário já é possível iniciar o interesse e o gosto pela leitura com as chamadas "bebetecas" e a contação de histórias. Esse é um facilitador para as fases seguintes e consequentemente para a alfabetização e o letramento. Esses trabalhos desde a primeira infância também permitem que alunos com necessidades especiais diagnosticadas desde a mais tenra idade se apropriarem desse mundo de imaginação, descobertas, criatividade e conhecimento que é a leitura.

Não podemos esquecer-nos de colocar neste tópico que além dos educandos, independente da idade ou fase escolar em que se encontram, o professor/educador deve também estar em constante formação e aprimoramento de estudos e práticas relacionados à alfabetização e ao letramento. Outro ponto importante é que o professor crie (se necessário), organize, mantenha, dinamize e aumente o acervo da biblioteca escolar e até mesmo da sua particular. Os bibliotecários podem ser ótimos parceiros nos trabalhos com as crianças e adolescentes desenvolvidos nas bibliotecas e salas de leitura.

6. TIPOS DE LEITURA

O ato de ler pode ser divido em dois pontos enquanto a leitura tem alguns tipos relacionados à forma como se lê e para qual propósito se lê.

O ato de ler:

1- Leitura como meio de decifrar códigos: atualmente convivemos com descrições de leitores em que deixam claro que para eles a leitura se restringe a decodificação de letras ou a junção delas. Isso faz da leitura algo efêmero, de pouca relevância na transformação da vida do aprendiz.

2- A leitura como avaliação: Para Luzia de Maria (2002, p.21) "ler é ser questionado pelo o mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita, é poder ter acesso ao escrito e construir uma resposta que entrelace informações novas aquelas que já possuem".

Ou seja, ler é algo que deve ser valorizado e não deve ser alvo de avaliações sem critérios, não deve ser usado

para desclassificar. Pois essa prática tem como resultado na maioria das vezes a diminuição da autoestima e a sensação de impotência. Lembrando que o objetivo é o sucesso do aluno como leitor!

Os tipos de leitura relacionados à forma como se lê:

1- Decifratória e automática.

É aquela em que atenção e esforço se dissipam principalmente na decifração. É típica de quem está se familiarizando com a escrita e como aqueles que estão aprendendo uma segunda língua.

2- Vocal e mental.

A leitura vocal pode ir de sua forma mais apurada recitando com entoações até o murmúrio. A leitura mental pode simular uma recitação ou se afastar rumo a uma leitura mais rápida.

3- Fonológica.

A leitura fonológica é a tradução de um código visual para um código acústico. O visual é convertido em fonema, palavra, frase e texto.

4- Integral e seletiva

A leitura integral é feita palavra por palavra, linha sem pretensão alguma. Contrariamente, na leitura seletiva os objetivos são previamente estabelecidos, como encontrar palavras-chave e depois da busca ele realiza a leitura integral do texto.

Os tipos de leitura conforme o propósito de quem lê:

1- Leitura recreativa.

O objetivo é trazer satisfação à inteligência, a distração, o entretenimento e o lazer. Podemos citar como exemplo os romances, revistas de variedades, histórias em quadrinhos, entre outros.

2- Leitura técnica.

É o tipo de leitura que implica a habilidade de interpretar gráficos, tabelas e informações de cunho técnico. Como exemplos têm os relatórios econômicos, as plantas residenciais, etc.

3- Leitura de informação.

Esta leitura é realizada com a intenção de obter informações gerais, informações especificas ou cultural. Esta é realizada através da leitura de jornais e revistas.

4- Leitura de estudo.

Leitura com o objetivo exclusivo de adquirir ou aprimorar conhecimento. Podem ser feita lendo livros, artigos científicos e periódicos por exemplo.

7. DIFICULDADES E DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM RELACIONADOS A ESCRITA E A LEITURA

Distúrbios e dificuldades de aprendizagem muitas vezes são percebidos pela maioria das pessoas como "a mesma coisa", pois estão sempre juntas e associadas, contudo elas não são.

As dificuldades de aprendizagem caracterizam-se por um aprendizado com rendimento abaixo daquele esperado para a faixa etária ou para a idade escolar e esta diretamente ligada ao cotidiano acadêmico e, normalmente, está relacionadas a fatores externos que acabam interferindo no processo de aprendizado. Essas dificuldades podem aparecer tanto na Educação Infantil como também já na fase adulta.

São diversos os fatores que podem desencadear ou propiciar o surgimento das dificuldades, citamos aqui três deles:

1- Instituição escolar.

Muitas instituições de ensino ainda mantém um método de ensino tradicional, fechado ou centrado no professor e no conteúdo. Isso para alguns não facilita o aprendizado e pode assim prejudicar o educando facilitando o surgimento de uma dificuldade específica em uma matéria (só em matemática, só em ciências), ou geral quando a dificuldade engloba muitas ou todas as matérias. Devemos repensar a relação professor-aluno para torná-la uma relação pautada na interação e na cooperação que estimule as aprendizagens.

2- Família.

Neste as possibilidades são diversas e podem também cruzar com questões sociais.

Uma delas é a ausência da família na vida escolar do educando. O tempo, nos dias atuais, é tão precioso que muitos pais delegam a tarefa de ensinar e educar ao encargo exclusivo da instituição escolar.

Outra possibilidade é que a família não teve a mesma chance de instrução que aquele ente está tendo e por isso não pode acompanhá-lo e auxiliá-lo adequadamente.

Essas duas possibilidades bem como outras ainda podem estar tornando as dificuldades ainda maiores.

3- Sociedade.

Quando falamos em sociedade os desafios podem ser mais complexos do que quando citamos a família como possível responsável pelas dificuldades de aprendizagem.

As questões sobre moradia, alimentação, saneamento básico, transporte público, emprego, construção e manutenção de escolas entre outros, são questões sociais urgentes

e grandes contribuintes para o surgimento de dificuldades escolares, cognitivas e de aquisição do conhecimento.

Segundo Barbosa (apud Leal e Nogueira, 2011: p.54):

> "Estar com dificuldade de aprender (...) significa estar diante de um obstáculo que pode ter um caráter cultural, cognitivo, afetivo ou funcional e não conseguir dar prosseguimento à aprendizagem por não possuir ferramentas, ou não poder utilizá-las para transpô-lo".

Os distúrbios de aprendizagem fazem parte do indivíduo, está intrínseco e é orgânico, seja uma disfunção neurológica, química ou por fatores hereditários. Os distúrbios de aprendizagens são diagnosticados por uma equipe multidisciplinar, e não somente por um professor. Isso caracteriza algo bem mais complexo do que uma dificuldade de aprendizagem que pode ser observada pelo professor que acompanha o aluno. No momento em que o educador perceber as dificuldades de aprendizagem no discente, isto servirá como um ponto de partida para encaminhamento para diagnosticar um possível distúrbio de aprendizagem.

Assim como as dificuldades, os distúrbios de aprendizagem são muitos. Por este se tratar de um trabalho com enfoque na leitura e na escrita citaremos os distúrbios mais conhecidos relacionados a este tema.

1- Dislexia.

Dislexia tem base neurológica e é hereditária. É uma dificuldade específica de aprendizado da leitura, escrita e também em cálculos matemáticos. Sua causa não é a falta de interesse, de motivação, de esforço ou de vontade. Os disléxicos não apresentam necessariamente problemas visuais ou auditivos nem são sua causa primária.

2- Dislalia.

Distúrbio de fala caracterizado pela dificuldade em articular as palavras e pela má pronuncia, seja omitindo, acrescentando, trocando ou distorcendo os fonemas.

As trocas mais comuns são:

- P por B; - F por V; - T por D; - R por L.

3- Disgrafia.

É a inabilidade na Linguagem Escrita, especialmente da escrita cursiva. Escrever com o computador pode ser mais fácil. Manualmente, as letras podem ser borradas ou incompletas, com tendência à escrita em letra de bastão. Os erros ortográficos, inversões de letras, sílabas ou a falta delas ficam caracterizados com muita frequência.

4- Déficit de atenção.

É a dificuldade de manter a concentração e a concentração é fundamental para a fixação do aprendizado. A Deficiência de Atenção pode manifestar-se isoladamente ou associada à Hiperatividade ou ainda, a Hipoatividade.

8. COMO LIDAR COM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Os procedimentos realizados fora da escola com foco em diagnósticos clínicos têm como objetivo selecionar ou reduzir os problemas apresentados e desse modo garantir a aprendizagem.

Mas não se pode pensar somente em processos clínicos sem que este esteja ligado à reestruturação dos métodos pedagógicos.

O que precisa ser levado em consideração é que não basta um diagnóstico, mas uma alteração ao processo educativo, criando maneiras de certo modo exclusivas para atender de forma efetiva as necessidades de cada criança.

Falamos então, da aquisição de competências linguísticas imprescindíveis ao processo de alfabetização e letramento, e de ser e estar no mundo.

Todos esses desafios vêm surgindo e ficando cada vez mais evidentes, dados de pesquisas deixam claro que não tem sido tão simples vencê-los.

O que parece é que ainda não houve algo que deveria ter sido pensado e ter sido colocado em prática como políticas públicas que façam uma junção de esforços de profissionais de diversos áreas, trabalhando com o objetivo, de promover novos métodos que se encaixem nas necessidades da comunidade atendida.

O primeiro passo para lidar com as dificuldades e distúrbios de aprendizagem é diferenciá-los e conhecê-los ao máximo possível. O segundo passo é procurar e executar ações conjuntas que proporcionem facilitadores de aprendizagem para os alunos que necessitarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os altos índices de fracasso e evasão escolar, a frustração de professores, alunos e pais e, o alto índice de analfabetismo no Brasil justifica o estudo e o debate de ações que invertam essa situação.

Este artigo teve por objetivo compreender que é possível, transformar a educação, respeitando as diferenças e partindo da necessidade de formar cidadãos leitores, críticos e capazes de pensar e resolver problemas socialmente.

A atuação do educador é extremamente importante no desenvolvimento da criança. A maior e principal preocupação é o aprendizado do ser humano como indivíduo e através da leitura, diminuir defasagem cognitiva e aumentar a criatividade, a curiosidade e o conhecimento.